

Artur Henrique Ribeiro Gonçalves  
*Universidade do Algarve*  
ahgoncal@ualg.pt

## **Maria Teresa Horta e Leonor de Almeida Portugal: do grão de luz ao bago da romã...**

### **Resumo:**

A arte de encaixar histórias noutras histórias é tão velha como a própria criatividade humana. Técnica sedutora, por deixar o leitor saltar duma peça de xadrez literário para outra sem perder o fio à meada. Maria Teresa Horta reúne em *As luzes de Leonor* (2011) um mosaico de situações reais/imaginárias, que leva o leitor aos labirintos existenciais mais secretos da marquesa de Alorna, sua avó, cadinho romanesco de prosa poética e poesia integral, em que cada frase é um verso e cada parágrafo uma estrofe.

**Palavras-chave:** Polifonia, luzes, raízes, memória, recriação.

### **Abstract:**

**Maria Teresa Horta and Leonor de Almeida Portugal: from the grain of light to the grain of pomegranate...**

The art of fitting stories into other stories is as old as human creativity itself. A seductive technique as it allows the reader to jump from one chess literary piece to another, without losing the thread. Maria Teresa Horta assembles in *The lights of Leonor* (2011) a mosaic of real/imaginary situations, leading the reader into the

most secret existential labyrinths of Marquise of Alorna, her grandmother, a melting pot of poetic prose and integral poetry, in which each sentence is a verse and each paragraph is a strophe.

**Keywords:** Polyphony, lights, roots, memory, recreation.

#### Epígrafe

*Habituei-me a ser criticada / por ler livros, / por falar de ciência, de política e de filosofia, / por saber inglês e latim, / por ter demasiadas Luzes para uma mulher. / Alguns homens mais cultos chegaram a invocar Molière para me ridicularizarem...*

Maria Teresa Horta, *As luzes de Leonor* [2011: 211]

Quando no início da década de setenta, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa desafiaram o poder instituído e publicaram as *Novas cartas portuguesas* (1972), a polémica instalou-se no reino cadaveroso em que o país dos brandos costumes se transformara. A dita primavera marcelista tremeu, estrebuchou e reagiu como o inverno salazarista costumava reagir. Os textos foram tidos como subversivos, imorais e pornográficos. As autoras foram levadas à barra dos tribunais, o livro foi proibido pela censura e o caso das Três-Marias foi convertido num evento singular de mediatismo global. As audiências arrastaram-se com grande alarido até serem interrompidas com o advento da democracia em abril de setenta e quatro. O processo foi suspenso e as réis absolvidas. Entretanto, as traduções proliferaram e as escassas reedições efetuadas após a queda da ditadura teimam em manter a obra tendencialmente esgotada ou pouco acessível aos interessados.

O tema da condição feminina, equacionado nesse texto polifónico de resistência corajosa à censura exercida contra a criatividade intelectual, formado por fragmentos lírico-narrativos, de carácter epistolar

e ensaístico, parece continuar a assustar o espírito conservador dalguns e a condicionar a política editorial seguida entre nós, afastando os leitores dum contacto mais estreito com essa réplica coetânea dos amores marginais revelados nas cinco *Lettres portugaises* (1669), publicadas anonimamente pelo livreiro parisiense Claude Barbin. As tais que sóror Mariana Alcoforado (1640-1723), a religiosa aristocrata portuguesa do convento alentejano da Conceição de Beja, terá composto e endereçado ao capitão de cavalaria Noël Bouton, *comte* de Saint-Léger e *marquis* de Chamilly (1636-1715), o amante francês que a seduzira e abandonara no período compreendido entre 1663 e 1667. O episódio enquadra-se, assim, no final da Guerra de Restauração da Monarquia Lusitana (1640-1668), travada no quadro da aliança dinástica assinada por Braganças e Bourbons contra os Áustrias hispânicos da Monarquia Católica, tudo centrado nos interesses das grandes potências pela hegemonia europeia e mundial [Serrão, 1981: V, 336-338; Duby, 1999: 444-449; Valladares, 1999]. Cartas legítimas ou urdidadas, que Gabriel de Guilleragues terá vertido do português para francês ou escrito no seu idioma. Disputas seculares da cultura literária seiscentista ainda por resolver, apesar de continuarem a ocupar a atenção persistente dos especialistas<sup>1</sup>, ancoradas em certezas geradas por pontos de vista contraditórios e inconciliáveis [Coelho, 1978: 526a-528a; Braga, 1985: III, 393-399; Rocha, 1985: 180-181; Deloffre, 1990: 11-69].

O efeito caleidoscópico de testemunhos evocados pelo universo feminino da criação estética volta à ribalta, cerca de quarenta anos volvidos, pelas mãos de Maria Teresa Horta em *As luzes de Leonor*

---

<sup>1</sup> Conquanto a tese da criação ficcionada das *Lettres* por Gabriel de Guilleragues predominar atualmente, a tese rival da redação autêntica das cartas por Mariana Alcoforado em português seguida da sua tradução para francês continua a ser aceite como um dado adquirido por muitos. *Vd.* informações veiculadas num manual recente de história de literatura europeia: “«les trois Marias» dénoncent la condition féminine en parodiant les *Lettres portugaises* du XVIIe siècle, texte dans lequel l’auteur, Mariana Alcoforado, enfreint la loi et symbolise par son enfermement l’«enfermement» de toutes les femmes” [Benoit-Dusauroy; Fontaine, 2007: 711].

(2011), longo mosaico entretecido de prosa poética e poesia integral, em que cada frase é um verso e cada parágrafo uma estrofe. A quinta neta de Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839) esboça neste relato, marcado similarmente pela polifonia enunciativa, uma viagem de revisitação à mulher, escritora, poliglota, pintora, estratega, organista, visionária e iluminista, que também foi sua avó, personagem multifacetada, imaginada em forma de papel e tinta, para dar corpo a uma personalidade controversa, recriada através de depoimentos autênticos proferidos por muitas vozes e sentires. As Marianas epistolares, moldadas pelo barroco ibérico vigente durante os conflitos de secessão da Monarquia Dual, saem de cena e dão lugar às Leonores novelescas, forjadas por um iluminismo combativo ainda em construção e nas antevésperas das invasões peninsulares movidas pelo império napoleónico [Serrão, 1981: V, 47-51; Duby, 1999: 580-582; Marnoto, 2010: 13, 17-19].

A arte de encaixar histórias umas nas outras ou de as alternar em sequências de cronologias dissidentes é capaz de ser tão antiga como a própria inventiva humana. Anterior, decerto, à gerada nos orientes próximos e distantes do folclore indiano, persa e árabe, pelos sucessivos autores anónimos d' *As mil e uma noites* [Menéndez Pelayo, 2008: I, 92-102]. Técnica sedutora, visto permitir ao leitor saltar duma peça de xadrez literário para outra sem perder o fio à meada. Coletânea de situações reais/imaginadas que ajuda o recetor a compreender duma forma motivada os próprios labirintos da vida. Cadinho de emoções de quem do nosso caminhar existencial se vai alimentando neste nosso quotidiano de seres animados e conscientes do facto. Este a tela selecionada por Maria Teresa Horta para pintar com palavras as luzes de Leonor.

Os diálogos/monólogos travados à distância de sete gerações são gizados com o recurso constante a documentos oficiais e particulares, feitos e refeitos ao sabor da pena e da inspiração do momento, repartidos por mil e tantas páginas, vinte e cinco capítulos, enquadrados por um prólogo e um epílogo sucintos, contextualizados por meio século de história portuguesa e europeia, a promover a passagem do despotismo esclarecido do marquês de Pombal para o liberalismo

constitucional do rei-imperador D. Pedro IV. As cartas, diários, cadernos, citações, epístolas e poemas urdidos na tessitura narrativa outorgam um protagonismo estrutural às RAÍZES / MEMÓRIAS discursivas, evocadoras de Leonor de Távora, a marquesa executada em Belém por ordem de Sebastião José de Carvalho e Melo, secretário de estado do rei-reformador D. José I, e de Leonor de Almeida, a condessa expulsa do reino a mando de Pina Manique, intendente-geral da polícia do príncipe-regente D. João [França, 1974: 47-53]. Pelo meio deste romance de autobiografias fingidas e biografias romanceadas, desta escrita neorromântica tecida de subjetividades dispersas, por entre os fragores de nardos, gardénias e narcisos plantados à sombra de carvalhos, cedros e robles seculares, deste testemunho pós-modernista delineado nos alvares do terceiro milénio, ficam os lamentos líricos dum misterioso ANGELUS, ser alado de fragilidade diáfana, seduzido pela luminosidade etérea de Alcipe, a sedutora de anjos, poetas e heróis<sup>2</sup>.

Na confluência de tempos convocados pela fábula, as ações plasmadas no bloco inaugural de excertos discursivos transporta-nos para o dia em que a armada de Goa entrava na barra do Tejo, trazendo a bordo os vice-reis cessantes da Índia, o conde de Alvor D. Francisco de Assis e a marquesa de Távora D. Leonor Tomásia, corria o ano de 1754. Prossegue com as reminiscências memorialistas traçadas pela neta, a marquesa de Alorna D. Leonor de Almeida, numa época posterior ao exílio inglês (1803-1815). É depois demarcado pelos eventos históricos e familiares situados entre 1773 e 1777, rematados por pedaços de vida repartida por trechos diversificados, dispostos ao sabor das modalidades de escrita regidas pelo porosímetro estético. O esquema manter-se-á inalterado em toda a obra, só variando na inclusão

---

<sup>2</sup> A identificação da misteriosa entidade alada parece ser assumida/insinuada por Maria Teresa Horta no derradeiro terceto dos *Dias de Leonor*, com que encerra os *Poemas para Leonor* (2012), que compôs em simultâneo com o romance que dedicou à avó, a condessa de Oeynhausien e marquesa de Alorna, no intuito estético de assim prolongar um diálogo à distância com a musa da sua inspiração lírico-narrativa: *Ressurjo / Faço de Angelus / Trago Leonor pela mão* [Horta, 2012: 146].

ocasional de páginas soltas de autores distintos e interrompendo o seu percurso de lembranças biográficas no ano da sua partida forçada do reino, nas vésperas das invasões francesas e partida da família real para o Brasil.

É neste entrecruzar de epos singulares que a epopeia romanesca se edifica, o canto se faz hino e o episódio se transfigura em rapsódia. As raízes da figura tutelar do romance pontuam os infortúnios trágicos dos membros das casas senhoriais dos Távora, Alorna, Atouguia e Aveiro, pautados pela tortura e execução pública dos avós e tios, pela prisão do pai na torre de Belém / forte da Junqueira e pela clausura conjunta com a mãe e irmã no convento de São Félix em Chelas. As acusações de alta traição, tentativa de regicídio e lesa-majestade nunca foram claramente comprovados e a libertação dos sobreviventes só se verificará após a subida ao trono de D. Maria I em 1777, dezoito anos depois e com vinte e seis de idade. A voz altissonante da marquesa velha ocupa a parte mais iluminada do proscénio e a voz ciciada da marquesa nova a zona de penumbras projetadas na periferia dramática do espaço cénico. Memórias feitas de claros-escuros percecionados à distância pela voz acusadora da heroína do relato, neta da primeira e sobrinha da segunda. Três mulheres, três destinos, três cenários: o cadafalso de Leonor de Távora no terreno do chão salgado do Restelo, a reclusão de Teresa de Lorena no convento de freiras do Rato, as luzes de Leonor de Almeida na ribalta do grande teatro do mundo.

A saída da filha mais velha dos marqueses de Alorna da vida conventual para a secular cunha, também, a sua entrada decisiva na república das letras. O espaço restrito dos outeiros poéticos do cativo é trocado pelos horizontes ilimitados da liberdade. O tempo da Lídia-Lise-Lídia-Laura, da Leonor-Alcipe dos arcades chegara. Fá-lo por mérito próprio e unida a um conjunto de vultos sonantes que subverteriam o panorama da cultura literária produzida na passagem da centúria de setecentos para a de oitocentos. Filinto Elíseo, Bocage, Nicolau Tolentino de Almeida, Curvo Semedo, Joaquim Bingre. Os resquícios dum barroquismo anquilosado e dum classicismo mal assimilado são banidos e as propostas iluministas que conduzirão ao romantismo alicerçadas [França, 1974: 27, 40-42; Palma-Ferreira,

1982: 99-101; Braga, 1985: IV, 196-202; Le Gentil, 1995: 138-139; Marnoto, 2010: 13-22, 111-124, 155-173].

As novas perspetivas do saber são-lhe abertas pelos livros que importa do estrangeiro, sobretudo de França, indiferente à fiscalização das alfândegas e cortes da censura; pelas viagens que enceta nas cortes europeias de Madrid, Paris e Viena, com Carlos Augusto, o marido alemão naturalizado português, conde de Oeynhausen e ministro plenipotenciário na Áustria; ou, já viúva, sozinha ou com Henri Forestier, o amante francês, no seu desterro político de Londres. Dá corpo ao projeto racionalista e cosmopolita de vida voltada para as Luzes, através da atividade exercida na Academia das Ciências de Paris, que lhe confere um prémio em matemática [Marnoto, 2010: 168]; assiste às aulas dos cursos de física e de química na Escola Politécnica de Lisboa, que lhe franqueia a entrada na área do livre pensamento e do racionalismo filosófico, a que defendia a paridade entre as ciências humanas e as físicas. Lê Rousseau, Diderot e Voltaire, alternado com Pope, Locke e Leibnitz, filósofos dos novos tempos que a levam a questionar a autoridade do poder despótico e a invadir os universos estritos da política até então reservada ao ofício absoluto dos homens [Rocha, 1985: 217-221; Kenny, 1999: 315-323]. Traduz Lamennais, Goldsmith, Gray, Wieland, Thomson, Young e Ossian-Macpherson [Marnoto, 2010: 17, 165-170]. Frequenta os salões literários de Madame de Necker em Paris, convive aí e em Londres com Madame de Staël, assiste em Marselha aos primórdios da Revolução Francesa [Le Gentil, 1995: 139]. Prossegue o plano pessoal de autoformação pedagógica na Sociedade da Rosa que fundou, nos debates literários que dinamizou [Marnoto, 2010: 156], nos poetas da Arcádia Lusitana que comentou, nas reuniões da Nova Arcádia que frequentou, na presidência da academia literária que o senhor de Trofa organizou em sua honra no Porto, nos serenins, serenatas e sa-raus que iluminou, nos pré-românticos que imitou, nas epístolas que escreveu, na obra poética que legou à posteridade [Coelho, 1978: 40c-41b; Braga, 1985: IV, 196-207].

Sonetos, epigramas, elegias, odes, cantigas, madrigais, éclo-gas são dados ao leitor no início de cada bloco datado de fragmentos

discursivos, estendendo-se para o seu interior, em formato quase sempre inacabado do verso solto, rimado ou branco, no dístico, no terceto e na quadra, em medida tradicional e clássica. Uma verdadeira antologia de poesias eleitas pela coletora de memórias alheias para deleite e proveito de todos nós. Textos a que Maria Teresa Horta, a neta, dará eco na linguagem metrificada em liberdade dos *Poemas para Leonor* (2012), compostos em sua honra, enquanto os diálogos íntimos tecidos com a “Poetisa das Luzes”, a avó, desabrochavam ao sabor da pena, a modelar as verdades ilusórias semeadas com o tempo de permeio.

Ignoramos se sóror Mariana Alcoforado se dava ao lirismo rimado nos tempos livres que o dia a dia conventual de Beja lhe reservava. Desconhecemos se terá redigido alguma das cartas que lhe são atribuídas. Só sabemos que em seu nome a sensibilidade do amor à portuguesa atravessou fronteiras, inspirou imitadores e invadiu a Europa culta de então. O testemunho humano permanece, independentemente de se tratar dum produto de reflexão pessoal ou duma obra maior da literatura universal. De Leonor de Almeida, conhecemos os escritos que foram sendo dados à estampa na era romântica e a título póstumo (1844-1851), no fluir contínuo dos dias que abriram as portas à modernidade, assinados e sem problemas de identificação. Tomámos contacto com alguns deles através das peças inseridas pela poetisa-romancista na memória escrita que lhe dedicou. Cartas, diários, cadernos. Pedacos de vida vivida, polifonias entoadas, traçadas e sentidas a várias vozes, mãos e gostos, criação/recriação de histórias verídicas/supostas, dadas à luz em prol da verdade, ponto de união entre todos os seres humanos, sem distinção de género ou idade. Testemunho literário escolhido para lembrar aos leitores atuais o modo como a poetisa-ensaísta conhecida por Alcipe trouxe o iluminismo europeu de além-Pirenéus para o país que a vira nascer e crescer, promovendo, assim, o rejuvenescimento incontestado das letras portuguesas. Uma precursora das estéticas românticas oriundas da França, Inglaterra e Alemanha, que o liberalismo novecentista consagraria [França, 1974: 34-42].

A reconstituição-reconstrução da vida de Leonor de Almeida, en-cetada ao longo de treze anos de labor inventivo por Maria Teresa

Horta está incompleta. A moldura escolhida para pintar o retrato impressionista da defensora das Luzes está balizada pelas conjunturas conturbadas que marcaram o Processo dos Távoras e precederam o Bloqueio Continental. Efemérides datadas com impacto durável dentro e fora do reino. Espaço ainda para recordar o grande terremoto / maremoto / incêndio de Lisboa de 1755, ocorrido no primeiro de novembro, dia de Todos os Santos.

Fica por saber se a neta da marquesa de Alorna, condessa de Oeynhausen e de Assumar, se a valida da rainha-louca D. Maria I, dama de honor das princesas do Brasil Maria Francisca Benedita e Carlota Joaquina, da sereníssima infanta-regente Isabel Maria de Bragança e da rainha D. Maria II, se a frequentadora das cortes da rainha Maria Antonieta de França e imperatriz Maria Teresa de Áustria, animadora dos salões cultos de Viena, Paris, Madrid e Lisboa, retomará a tarefa de traçar os passos da avó nos derradeiros tempos da sua existência de exílio forçado em terras estranhas e de retiro escolhido na terra natal. De nos contar os pormenores autêntico-supostos do seu *affaire* amoroso com o general francês da Vendaia, Henri Forestier, e do seu envolvimento no *complot* político que levaria ao assassinato do ex-amante em terras inglesas<sup>3</sup>. Nada nos impede, porém, de acreditar que a mão sem peso da poetisa iluminista aflore de novo o cimo do ombro da poetisa iluminada e que as confidências das duas se voltem a ouvir, apesar dos dois séculos de silêncios que as separam, para que tudo se possa descobrir/reinventar de novo, para que a mulher que foi poetisa, política, sábia e sonhadora se faça a personagem duma personalidade recriada, inventada criteriosamente do grão de luz ao bago da romã...

---

<sup>3</sup> Para já, fiquemo-nos com a Promessa registada por Maria Teresa Horta no penúltimo dos *Poemas para Leonor* (2012), *Pouso no teu regaço / a minha mão / o meu verso // A saudade / e o seu espinho / a pena que eu disfarço // Prometendo-me / ao partir / voltar a ti no regresso* [Horta, 2012: 141].

### Referências bibliográficas

- BARRENO, M. I., HORTA, M. T., COSTA, M. V. (1972), *Novas cartas portuguesas*, Estúdio Cor, Lisboa.
- BENOIT-DUSAUSOY, A., FONTAINE, G. (ed.) (2007), *Lettres européennes. Manuel d'histoire de la littérature européenne*, De Boeck Université, Bruxelles.
- BRAGA, T. (1985), *História da literatura portuguesa*, Europa-América, Mem Martins.
- COELHO, J. P. (ed.) (1978), *Dicionário de literatura*, Figueirinhas, Porto.
- DELOFFRE, F. (1990), “Préface” a Guilleragues, *Lettres portugaises*, Gallimard, Paris, pp. 11-69.
- DUBY, G. (ed.) (1999), *Histoire de la France. Des origines à nos jours*, Larousse, Paris.
- FRANÇA, J. A. (1974), *O romantismo em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa.
- HORTA, M. T. (2011), *As luzes de Leonor*, Dom Quixote, Lisboa.
- HORTA, M. T. (2012), *Poemas para Leonor*, Dom Quixote, Lisboa.
- KENNY, A. (1999), *História concisa da filosofia ocidental*, Temas e Debates, Lisboa.
- LE GENTIL, G. (1995), *La littérature portugaise*, Chandeigne, Paris.
- MARNOTO, R. (2010), *História crítica da literatura portuguesa. Neoclassicismo e Pré-Romantismo*, Verbo, Lisboa.
- MENÉNDEZ PELAYO, M. (2008), *Orígenes de la novela*, Gredos, Madrid.
- PALMA-FERREIRA, J. (1982), *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.
- ROCHA, A. (1985), *A epistolografia em Portugal*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- SERRÃO, J. (ed.) (1981), *Dicionário de história de Portugal*, Figueirinhas, Porto.
- VALLADARES, R. (1999), *La rebelión de Portugal 1640-1680: guerra, conflicto y poderes en Monarquía Hispánica*, Junta Castilla-León, Madrid.